

OS RISCOS ASSOCIADOS AO USO INDISCRIMINADO DA LISDEXANFETAMINA E METILFENIDATO POR UNIVERSITÁRIOS

THE RISKS ASSOCIATED WITH THE INDISCRIMINATE USE OF LISDEXAMFETAMINE AND METHYLPHENIDATE BY UNIVERSITY STUDENTS

LOS RIESGOS ASOCIADOS AL USO INDISCRIMINADO DE LISDEXANFETAMINA Y METILFENIDATO POR PARTE DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Geovanna Aguiar Mota¹
Lavínia Martins Bezerra²
Kelly Mayanny Inácio Silva³
Halline Cardoso Jurema⁴

RESUMO: O ingresso no ensino superior é um período marcado por alta demanda cognitiva e emocional, levando muitos universitários a recorrerem ao uso de substâncias psicoestimulantes, como lisdexanfetamina e metilfenidato, com o intuito de melhorar o desempenho acadêmico. Embora indicados para o tratamento do TDAH, esses medicamentos vêm sendo utilizados de forma indiscriminada por indivíduos sem diagnóstico clínico, expondo-os a riscos significativos de dependência, ansiedade, insônia e alterações cardiovasculares. Este estudo teve como objetivo evidenciar os riscos e implicações do uso indevido dessas substâncias entre estudantes universitários. Tratou-se de uma Revisão Integrativa da Literatura, realizada nas bases de dados Scielo, BVS e PubMed, utilizando descritores relacionados ao uso indevido de estimulantes, abrangendo publicações entre 2020 e 2025. A análise seguiu o método PRISMA, assegurando rigor na seleção e síntese dos dados. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 15 estudos para compor a revisão. Os resultados evidenciaram que o uso indiscriminado da lisdexanfetamina e do metilfenidato está relacionado ao aumento do risco de dependência, tolerância, alterações cardiovasculares, distúrbios do sono, ansiedade, irritabilidade e outros prejuízos à saúde física e mental, além de não haver evidências consistentes de melhora do desempenho acadêmico em indivíduos sem diagnóstico de TDAH. Conclui-se que o uso não supervisionado desses medicamentos representa um relevante problema de saúde pública, reforçando a necessidade de ações educativas, fiscalização da prescrição e dispensação, bem como de estratégias institucionais voltadas à promoção da saúde mental e ao uso racional de medicamentos no ambiente universitário.

Palavras-chave: Dimesilato de Lisdexanfetamina. Metilfenidato. Estudantes. Uso Indevido de Medicamentos sob Prescrição.

¹Graduanda em Farmácia pela Universidade de Gurupi (UNIRG).

²Graduanda em Farmácia pela Universidade de Gurupi (UNIRG).

³Farmacêutica pela Universidade de Gurupi (UNIRG), Especialista em Farmácia Clínica e Prescrição Farmacêutica pelo Instituto de Ciência Tecnologia e Qualidade Industrial (ICTQ), Mestranda em Biotecnologia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

⁴Enfermeira pela Universidade de Gurupi (UnirG), Especialista em Metodologia de Pesquisa Científica pelo Centro Universitário Cidade Verde (UNICIVE). Mestra em Biotecnologia, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

ABSTRACT: Entering higher education is a period marked by high cognitive and emotional demands, leading many university students to turn to psychostimulant substances—such as lisdexamfetamine and methylphenidate—in an effort to improve academic performance. Although indicated for the treatment of ADHD, these medications are increasingly used indiscriminately by individuals without a clinical diagnosis, exposing them to significant risks of dependence, anxiety, insomnia, and cardiovascular issues. This study aimed to highlight the risks and implications of the misuse of these substances among university students. It was an integrative literature review conducted using the SciELO, VHL (BVS), and PubMed databases, employing keywords related to stimulant misuse and covering publications from 2020 to 2025. The analysis followed the PRISMA method, ensuring rigor in data selection and synthesis. After applying inclusion and exclusion criteria, 15 studies were selected for the review. The results demonstrated that the indiscriminate use of lisdexamfetamine and methylphenidate is associated with an increased risk of dependence, tolerance, cardiovascular changes, sleep disorders, anxiety, irritability, and other physical and mental health impairments; furthermore, there is no consistent evidence of improved academic performance in individuals without an ADHD diagnosis. It is concluded that the unsupervised use of these medications constitutes a significant public health issue, underscoring the need for educational initiatives, oversight of prescribing and dispensing practices, and institutional strategies aimed at promoting mental health and the rational use of medications within the university environment.

Keywords: Lisdexamfetamine dimesylate. Methylphenidate. Students. Prescription drug misuse.

RESUMEN: La transición a la educación superior es un período marcado por altas exigencias cognitivas y emocionales, lo que lleva a muchos estudiantes universitarios a recurrir al uso de sustancias psicoestimulantes, como la lisdexanfetamina y el metilfenidato, para mejorar su rendimiento académico. Aunque están indicados para el tratamiento del TDAH, estos medicamentos han sido utilizados indiscriminadamente por personas sin diagnóstico clínico, exponiéndolas a riesgos significativos de dependencia, ansiedad, insomnio y alteraciones cardiovasculares. Este estudio tuvo como objetivo destacar los riesgos e implicaciones del uso indebido de estas sustancias entre estudiantes universitarios. Se trató de una revisión integradora de la literatura, realizada en las bases de datos Scielo, BVS y PubMed, utilizando descriptores relacionados con el uso indebido de estimulantes, que abarcó publicaciones entre 2020 y 2025. El análisis siguió el método PRISMA, asegurando el rigor en la selección y síntesis de los datos. Tras aplicar los criterios de inclusión y exclusión, se seleccionaron 15 estudios para conformar la revisión. Los resultados mostraron que el uso indiscriminado de lisdexanfetamina y metilfenidato se asocia con un mayor riesgo de dependencia, tolerancia, alteraciones cardiovasculares, trastornos del sueño, ansiedad, irritabilidad y otros daños a la salud física y mental. Además, no existe evidencia consistente de una mejora en el rendimiento académico en personas sin diagnóstico de TDAH. Se concluye que el uso no supervisado de estos medicamentos representa un problema significativo de salud pública, lo que refuerza la necesidad de iniciativas educativas, control de prescripciones y dispensaciones, así como estrategias institucionales dirigidas a promover la salud mental y el uso racional de medicamentos en el entorno universitario.

Palabras clave: Dimesilato de lisdexanfetamina. Metilfenidato. Estudiantes. Uso indebido de medicamentos recetados.

INTRODUÇÃO

O ingresso e a permanência no ensino superior representam um período de intensas demandas acadêmicas, marcado por prazos rigorosos, jornadas de estudo extensas e competitividade entre os estudantes. Nesse contexto, muitos universitários buscam estratégias para melhorar o desempenho cognitivo, aumentar a concentração e reduzir a fadiga mental, o que tem levado ao uso de substâncias psicoestimulantes, como a lisdexanfetamina e o metilfenidato (ROUSSO et al., 2024).

Ambos os medicamentos são amplamente utilizados na prática médica, sobretudo no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Entretanto, seu consumo vem sendo expandido para além do uso terapêutico, alcançando estudantes que não possuem diagnóstico clínico. O objetivo, nesses casos, é obter vantagens no desempenho acadêmico, ainda que isso signifique recorrer ao uso sem prescrição e, muitas vezes, de forma abusiva (SOUZA; BAIENSE, 2023).

O fenômeno reflete uma tendência global de medicalização do cotidiano, em que substâncias originalmente desenvolvidas para condições clínicas específicas passam a ser utilizadas como ferramentas de aprimoramento cognitivo e produtividade. No meio universitário, esse cenário é agravado por fatores como alta competitividade, sobrecarga curricular, insegurança em relação ao futuro profissional e a pressão por resultados imediatos (MORAIS et al., 2024).

Embora o uso de estimulantes possa, em alguns casos, produzir efeitos como aumento do estado de alerta e maior capacidade de concentração, os riscos decorrentes do consumo indiscriminado são significativos. Entre eles, destacam-se a possibilidade de dependência química, episódios de ansiedade, insônia, depressão, alterações cardiovasculares e prejuízos à memória de longo prazo (LOPES et al., 2024).

Além das implicações clínicas, o uso não supervisionado desses medicamentos levanta preocupações éticas. O recurso a substâncias para ganho de performance acadêmica pode reforçar desigualdades entre os estudantes, criar expectativas irreais de rendimento e contribuir para a normalização da ideia de que o sucesso depende do auxílio químico, em detrimento do esforço pessoal e da qualidade do processo de aprendizagem (CERQUEIRA; ALMEIDA; JUNIOR, 2021).

A problemática também envolve dimensões sociais relevantes. De acordo com Santos et al., (2023) a banalização do uso desses estimulantes pode intensificar o tráfico ou a compra irregular de medicamentos, ampliando os riscos de automedicação. Isso acarreta impactos não apenas individuais, mas coletivos, ao contribuir para a construção de uma cultura acadêmica que privilegia a produtividade em detrimento da saúde.

No Brasil, pesquisas têm apontado para o crescimento expressivo no consumo de metilfenidato e lisdexanfetamina, tanto com prescrição quanto em contextos de uso indevido. O ambiente universitário aparece como um dos principais espaços de disseminação dessa prática, o que torna urgente

a realização de estudos que investiguem os efeitos, motivações e consequências dessa realidade (NASCIMENTO; NASCIMENTO; SERRA, 2025).

Diante desse contexto, essa pesquisa busca responder a seguinte questão: Quais são os riscos e implicações do uso indiscriminado da lisdexanfetamina e do metilfenidato por universitários, e de que forma essa prática impacta a saúde do indivíduo?

Frente ao exposto, esse estudo teve como objetivo evidenciar os riscos e implicações do uso indiscriminado da lisdexanfetamina e do metilfenidato por universitários. Tal análise permite não apenas compreender os impactos à saúde individual, mas também discutir suas consequências éticas, sociais e coletivas, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de políticas institucionais e estratégias educativas que visem à promoção da saúde e à valorização do aprendizado sustentável.

REVISÃO DA LITERATURA

LISDEXANFETAMINA E METILFENIDATO: ASPECTOS GERAIS

A lisdexanfetamina e o metilfenidato são medicamentos psicoestimulantes amplamente utilizados no tratamento do TDAH, sendo considerados terapias de primeira linha em crianças, adolescentes e adultos, conforme avaliação clínica individualizada (RODRIGUES et al., 2021).

Conforme explica Oliveira et al., (2023), ambos atuam sobre os sistemas dopaminérgico e noradrenérgico do sistema nervoso central, promovendo melhora da atenção sustentada, da concentração, do controle dos impulsos e da redução da hiperatividade. Apesar de apresentarem mecanismos farmacológicos semelhantes, possuem diferenças importantes quanto à estrutura química, ao perfil farmacocinético, ao tempo de ação e ao potencial de abuso, fatores que influenciam a escolha terapêutica.

Rousso et al., (2024) destacam que o metilfenidato pertence ao grupo dos derivados da piperidina e foi um dos primeiros estimulantes aprovados para o tratamento do TDAH. Seu principal mecanismo consiste na inibição da recaptação de dopamina e noradrenalina pelos transportadores pré-sinápticos, aumentando a disponibilidade desses neurotransmissores nas regiões corticais responsáveis pelas funções executivas, memória de trabalho e controle comportamental.

Está disponível em formulações de liberação imediata e prolongada, permitindo individualizar o tratamento conforme as necessidades do paciente. A resposta clínica costuma

ocorrer entre 30 e 60 minutos após a administração, dependendo da formulação utilizada (ROUSSO et al., 2024).

Souza et al., (2024) afirmam que a lisdexanfetamina, por sua vez, é um pró-fármaco derivado da dextroanfetamina. Após sua absorção pelo trato gastrointestinal, sofre metabolização enzimática nos eritrócitos, liberando gradualmente a dextroanfetamina ativa. Essa característica proporciona início de ação mais estável, duração prolongada e menor variação das concentrações plasmáticas ao longo do dia. Além disso, por depender de metabolização para se tornar ativa, apresenta menor potencial de uso inadequado por vias alternativas, quando comparada a outros estimulantes de ação imediata.

A etiologia do TDAH, principal indicação desses medicamentos, é multifatorial e envolve fatores genéticos, neurobiológicos e ambientais. No trabalho de Santos, Guimarães e Santos (2023), demonstra alterações na neurotransmissão dopaminérgica e noradrenérgica, especialmente nos circuitos frontoestriatais, responsáveis pelo planejamento, atenção, controle inibitório e funções executivas. Além da predisposição genética, fatores como prematuridade, baixo peso ao nascer, exposição intrauterina ao álcool e tabaco, bem como determinadas condições ambientais, podem contribuir para o desenvolvimento do transtorno. Nesse contexto, os psicoestimulantes não curam o TDAH, mas reduzem significativamente seus sintomas nucleares e melhoram o funcionamento global do indivíduo.

As principais indicações terapêuticas da lisdexanfetamina e do metilfenidato concentram-se no tratamento do TDAH em diferentes faixas etárias. A escolha entre os dois medicamentos depende da intensidade dos sintomas, duração desejada do efeito terapêutico, perfil clínico do paciente, presença de comorbidades, resposta prévia ao tratamento e ocorrência de eventos adversos. As diretrizes atuais recomendam que a decisão seja individualizada e acompanhada por monitoramento periódico da eficácia e da segurança (RODRIGUES et al., 2021).

Entre os principais benefícios observados com ambos os medicamentos se destacam a melhora significativa da capacidade de concentração, da memória operacional, da organização das atividades diárias, do desempenho escolar e profissional, além da redução da impulsividade e da hiperatividade (PEREIRA et al., 2024). Nos dizeres de Rouso et al., (2024), pacientes adequadamente tratados apresentam maior capacidade de planejamento, melhor interação social, diminuição dos acidentes relacionados à impulsividade e melhora da qualidade de vida.

Em relação à eficácia comparativa, estudos, como os de Ribeiro et al., (2023), demonstram que tanto o metilfenidato quanto a lisdexanfetamina apresentam elevada capacidade de controlar os sintomas centrais do TDAH. Entretanto, alguns pacientes respondem melhor a um medicamento do que ao outro devido às diferenças individuais na farmacocinética, metabolismo e perfil neurobiológico.

Segundo Rainieri et al., (2024), a lisdexanfetamina costuma apresentar duração terapêutica mais prolongada, podendo atingir aproximadamente 13 horas em adultos, enquanto o metilfenidato apresenta diferentes tempos de ação conforme a formulação utilizada. Dessa forma, não existe um medicamento universalmente superior, sendo necessário individualizar a escolha terapêutica.

Por fim, o tratamento farmacológico do TDAH deve integrar uma abordagem multidisciplinar que inclua acompanhamento médico, intervenções psicológicas, orientação familiar e suporte educacional. O uso isolado da medicação nem sempre é suficiente para promover o desenvolvimento integral do paciente. O sucesso terapêutico depende da combinação entre diagnóstico precoce, acompanhamento regular, monitorização dos efeitos adversos e adesão ao tratamento (RAINIERI et al., 2024).

EFEITOS ADVERSOS ASSOCIADOS AO USO DOS MEDICAMENTOS

6

O uso de psicoestimulantes como a lisdexanfetamina e o metilfenidato, embora apresente benefícios clínicos comprovados no tratamento do TDAH, está diretamente associado a uma série de efeitos adversos. De acordo com Morais et al., (2024), esses fármacos atuam sobre o sistema nervoso central, modulando a neurotransmissão dopaminérgica e noradrenérgica, o que pode desencadear repercussões físicas e psicológicas de intensidade variável.

Um dos efeitos colaterais mais relatados é a insônia. Pereira et al., (2024) explicam que por serem estimulantes, tanto a lisdexanfetamina quanto o metilfenidato interferem no ciclo natural do sono, dificultando o início e a manutenção do repouso. Essa consequência é especialmente relevante para universitários que utilizam tais substâncias com o objetivo de prolongar os períodos de estudo.

A perda de apetite é outro efeito comum. Nazário e Matos (2022) afirmam que os psicoestimulantes reduzem a sensação de fome, o que pode levar a quadros de perda de peso significativa, carências nutricionais e até distúrbios alimentares quando o uso se torna crônico e sem acompanhamento profissional. Esse fator pode ser ainda mais prejudicial em jovens em fase de desenvolvimento físico.

Problemas cardiovasculares também figuram entre os riscos mais preocupantes. Rodrigues et

al., (2021) aduzem que o aumento da pressão arterial, aceleração dos batimentos cardíacos (taquicardia) e palpitações estão entre os efeitos adversos relatados. Em indivíduos com predisposição, o uso inadequado pode elevar o risco de eventos mais graves, como arritmias e até acidentes cardiovasculares.

Os supracitados autores afirmam ainda que além dos efeitos físicos, destacam-se os impactos psicológicos. O uso de lisdexanfetamina e metilfenidato pode desencadear ansiedade, irritabilidade e alterações de humor. Em alguns casos, os estudantes relatam episódios de nervosismo intenso e dificuldade de relaxar, o que contraria o objetivo inicial de melhorar o desempenho acadêmico (RODRIGUES et al., 2021).

Outro ponto de atenção é o risco de dependência. Ribeiro et al., (2024) acentuam que embora a lisdexanfetamina seja considerada menos suscetível ao abuso quando comparada a outros estimulantes, ambos os fármacos apresentam potencial de causar tolerância e dependência psicológica. Isso significa que, com o tempo, o estudante pode sentir necessidade de doses cada vez maiores para obter o mesmo efeito.

Os distúrbios do sono, quando somados à fadiga acumulada, também podem levar a quadros de exaustão mental e física. Oliveira et al., (2023) destacam que a irregularidade no descanso compromete a memória e o raciocínio, criando um ciclo paradoxal em que o uso da substância inicialmente melhora a concentração, mas, em longo prazo, prejudica a cognição.

A cefaleia é outro sintoma relatado com frequência. Lima et al., (2023) explicam que o aumento da tensão nervosa e a ação estimulante podem provocar dores de cabeça recorrentes, que tendem a se agravar com o uso contínuo. Esse efeito colateral, embora muitas vezes subestimado, impacta diretamente a qualidade de vida dos usuários.

Em casos mais graves, o uso inadequado desses estimulantes pode precipitar sintomas psicóticos. Alucinações, paranoia e episódios de delírio já foram descritos na literatura científica, especialmente em usuários que consomem doses elevadas sem acompanhamento médico. Isso representa um risco expressivo à saúde mental dos estudantes (LIMA et al., 2023).

Outro efeito adverso relevante é o aumento da agressividade ou impulsividade. Na pesquisa de Moura (2024) teve-se o objetivo de investigar os efeitos neurobiológicos do uso abusivo e prolongado de lisdexanfetamina (Venvanse) e metilfenidato (Ritalina), analisando as consequências cognitivas, comportamentais e bioquímicas associadas ao consumo dessas substâncias. Dentre os efeitos adversos encontrados, os autores enfatizaram a agressividade e/ou impulsividade. O autor afirmou que embora não seja comum em todos os usuários, esse comportamento pode aparecer em situações de uso irregular, levando a conflitos interpessoais e maior vulnerabilidade social.

Também é importante considerar os efeitos gastrointestinais, como náuseas, dor abdominal e desconforto gástrico. Esses sintomas, embora muitas vezes transitórios, podem dificultar a adesão ao

uso terapêutico e se agravar em contextos de automedicação (LIMA et al., 2023).

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma Revisão Integrativa da Literatura, método que possibilita a síntese do conhecimento científico disponível sobre determinado tema por meio da reunião, análise crítica e integração dos resultados de pesquisas previamente publicadas (MARCONI; LAKATOS, 2024).

A revisão foi conduzida de forma sistematizada, seguindo as etapas recomendadas para revisões integrativas e os critérios de transparência propostos pelo protocolo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (DANTAS et al., 2022).

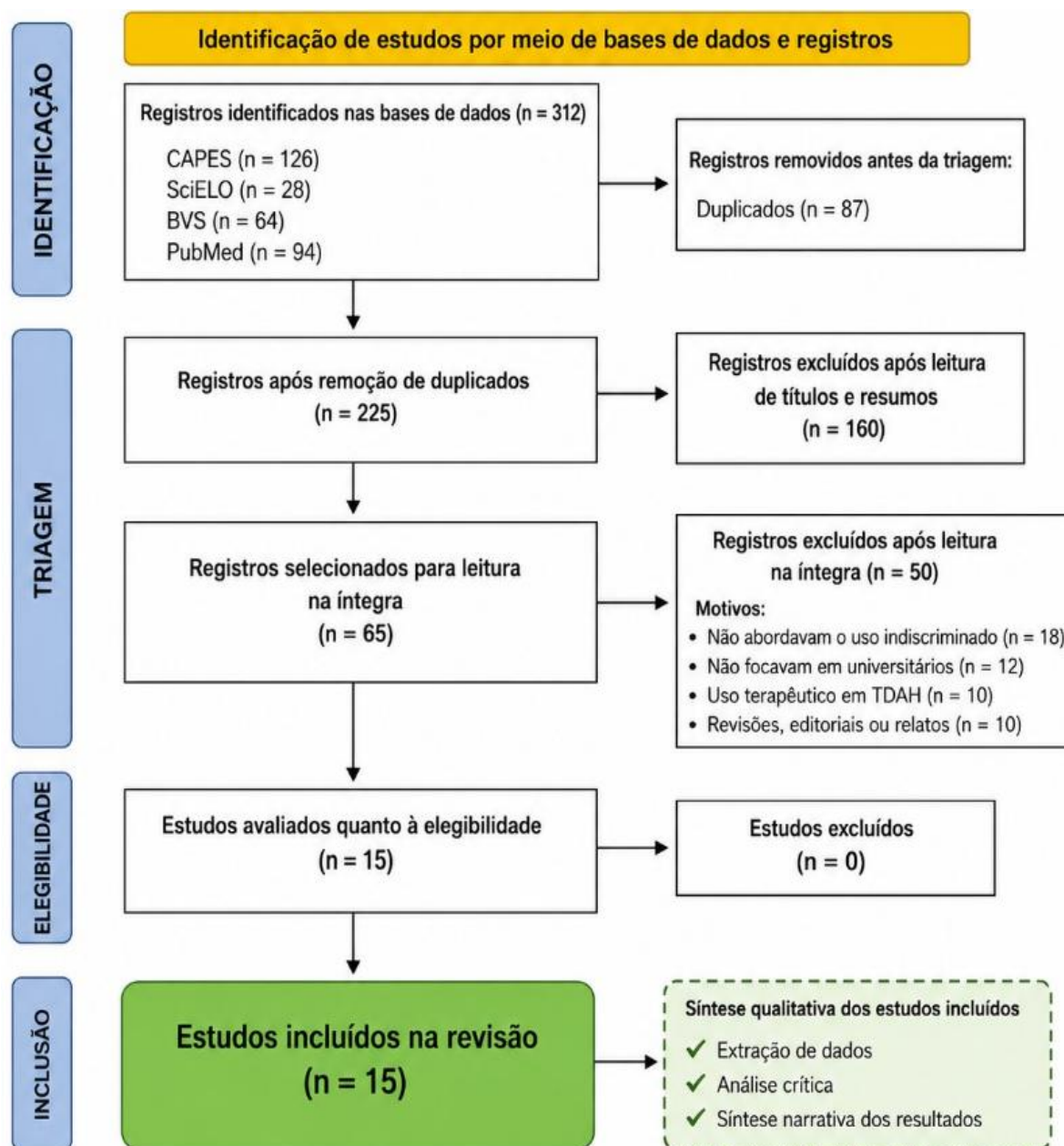
A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed, por serem reconhecidas pela abrangência e relevância na indexação de estudos científicos nacionais e internacionais na área da saúde. As pesquisas foram conduzidas entre os meses de agosto e setembro de 2026, utilizando Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e *Medical Subject Headings* (MeSH), combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR.

Os DeCS empregados foram: “dimesilato de lisdexamfetamina (*lisdexamfetamine dimesylate*)”, “metilfenidato (*methylphenidate*)”, “estudantes (*students*)” e “uso indevido de medicamentos sob prescrição (*prescription drug misuse*)”, combinados conforme a especificidade de cada base de dados.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão estudos publicados entre 2020 e 2025, disponíveis na íntegra, nos idiomas português e inglês, que abordassem a temática proposta. Foram considerados elegíveis artigos originais, estudos observacionais, pesquisas quantitativas e qualitativas, revisões bibliográficas e relatos de caso, e que apresentassem metodologia claramente descrita.

Como critérios de exclusão, foram descartados estudos duplicados entre as bases consultadas, artigos sem acesso ao texto completo, editoriais, cartas ao editor, relatos de experiência, resumos de eventos científicos, dissertações, teses, capítulos de livros, documentos institucionais e pesquisas que abordassem exclusivamente o uso terapêutico dos medicamentos em pacientes diagnosticados com TDAH, sem discutir o consumo indevido por universitários.

Figura 1. Descrição da seleção dos estudos para a Revisão Integrativa.



Fonte: Elaborado pelas autoras com auxílio de IA (OpenAI, ChatGPT) (2026).

A seleção dos estudos ocorreu em quatro etapas (Figura 1): identificação dos registros nas bases de dados, remoção dos estudos duplicados, triagem mediante leitura dos títulos e resumos e, posteriormente, leitura na íntegra dos artigos potencialmente elegíveis.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, os estudos selecionados foram submetidos à extração das informações relevantes, contemplando título, autoria, ano de publicação, delineamento metodológico e objetivos. Todo o processo buscou garantir transparência, reprodutibilidade e rigor metodológico na condução da revisão.

Os dados extraídos foram organizados em um quadro para facilitar a comparação entre os estudos incluídos. Posteriormente, realizou-se uma análise qualitativa, descritiva e interpretativa das evidências, permitindo identificar padrões de consumo, fatores motivacionais relacionados ao uso indiscriminado dos estimulantes, principais efeitos adversos relatados, riscos de dependência, repercussões cardiovasculares, neurológicas e psiquiátricas, além das implicações acadêmicas e sociais observadas entre universitários (Quadro 1).

A síntese das evidências foi desenvolvida de maneira narrativa, enfatizando convergências e divergências entre os estudos, bem como lacunas existentes na literatura científica, contribuindo para uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados por esse estudo, buscaram evidenciar os riscos e implicações do uso indiscriminado da lisdexanfetamina e do metilfenidato por universitários (Quadro 1).

Quadro 1. Artigos selecionados para a Revisão Integrativa.

TÍTULO	AUTORES (ANO)	TIPO DE ESTUDO	OBJETIVO
Ansiedade e depressão e uso de substâncias psicoativas em jovens universitários	BARBOSA; ASFORA; MOURA (2020)	Estudo transversal	Identificar a frequência de ansiedade, depressão e uso de substâncias psicoativas em universitários.
Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina em uma universidade do semiárido brasileiro	BATISTA et al., (2022)	Pesquisa de Campo	Avaliar o uso de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina de uma universidade pública do semiárido brasileiro.
Perfil de uso de metilfenidato e correlatos entre estudantes de medicina	CARNEIRO; GOMES; BORGES (2021)	Estudo transversal	Observar o perfil de uso de metilfenidato e correlatos (MFC) entre estudantes de medicina e avaliar variáveis relacionadas a qualidade do sono e prática de atividade física.
Epidemiologia crítica ao uso de metilfenidato e substâncias correlatas entre acadêmicos sem diagnóstico de transtorno	GONZAGA; OLIVEIRA (2024)	Pesquisa de Campo	Analisar o uso de metilfenidato e substâncias correlatas entre acadêmicos sem diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e

de déficit de atenção e hiperatividade em um Centro Universitário do Oeste do Paraná			hiperatividade em um Centro Universitário do Oeste do Paraná.
Segurança e eficácia do dimesilato de lisdexanfetamina em transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: uma revisão literária	MACIEL et al., (2023)	Revisão Integrativa da Literatura	Analisar os efeitos que o dimesilato de lisdexanfetamina possui para os indivíduos portadores de TDAH.
Percepções e uso do metilfenidato entre universitários da área da Saúde em Ceilândia, DF, Brasil	MEINERS et al., (2022)	Pesquisa de Campo	Identificar as percepções e o uso de metilfenidato entre universitários da área da Saúde em Ceilândia, DF, Brasil.
Desafios e riscos do uso indiscriminado de psicoestimulantes entre universitários: impactos, métodos e prevenção	MORAIS et al., (2024)	Pesquisa de Campo	Investigar a dependência dos psicoestimulantes, explorando sua fisiopatologia, efeitos adversos e possíveis impactos futuros.
Análise dos impactos do uso indiscriminado de drogas psicoestimulantes no ambiente universitário	NASCIMENTO; NASCIMENTO; SERRA (2025)	Revisão Integrativa da Literatura	Analisar os possíveis impactos associados à utilização indevida de drogas psicoestimulantes no ambiente universitário.
Uso indiscriminado do Cloridrato de Metilfenidato	PIMENTEL et al., (2025)	Revisão Integrativa da Literatura	Analisar as consequências do uso indiscriminado do Cloridrato de Metilfenidato, especialmente no contexto do uso não terapêutico por estudantes universitários que buscam aumento de desempenho acadêmico.
O uso de Metilfenidato (Ritalina®) por estudantes de Medicina de um Centro Universitário de Porto Velho	ROSA et al., (2021)	Pesquisa de Campo	Analisar a frequência e a quantidade do uso de Ritalina por estudantes de Medicina de um Centro Universitário de Porto Velho, bem como colher informações a respeito do sono desses acadêmicos.
O uso sem prescrição médica de Metilfenidato e Lisdexanfetamina por estudantes de Medicina	ROUSSO et al., (2024)	Revisão Integrativa da Literatura	Discorrer sobre o uso sem prescrição médica de Metilfenidato e Lisdexanfetamina por estudantes de Medicina.
Automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil: revisão integrativa	SANTOS et al., (2022)	Revisão Integrativa da Literatura	Realizar uma revisão integrativa sobre o panorama da automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil.
O uso de psicoestimulantes do tipo metilfenidato entre acadêmicos de uma instituição superior de ensino de Minas Gerais	SILVA; CALDEIRA (2020)	Estudo descritivo e transversal	Investigar a prevalência do uso de psicoestimulantes entre acadêmicos de uma instituição de ensino superior da região da Zona da Mata de Minas Gerais, avaliando as motivações para o uso, formas de consumo e

			aquisição e os efeitos sentidos pós consumo.
Consumo não prescrito de Metilfenidato e Lisdexanfetamina pelos estudantes dos cursos de medicina e direito de um Centro Universitário	SOUZA et al., (2024)	Estudo observacional analítico do tipo transversal	Averiguar se os estudantes de medicina apresentam maiores índices de uso não prescrito de Metilfenidato e Lisdexanfetamina, quando correlacionados ao curso de direito.
Uso de estimulantes entre estudantes: análise de questionário online	WACHHOLZ; SANTOS (2020)	Estudo de Caso	Identificar a prevalência do uso indiscriminado desses estimulantes do SNC no meio estudantil e analisar os fatores associados.

Fonte: Autoras da Pesquisa (2026).

A análise dos 15 estudos selecionados evidenciou que o uso indiscriminado da lisdexanfetamina e do metilfenidato entre universitários tem apresentado crescimento expressivo nos últimos anos, principalmente entre estudantes de cursos com elevada carga horária e alta competitividade acadêmica. Os estudos apontaram que a principal motivação para o consumo desses psicoestimulantes sem prescrição médica está relacionada à busca por aumento da concentração, prolongamento do tempo de estudo, redução da fadiga, melhora do desempenho cognitivo e maior rendimento em avaliações.

Segundo Barbosa, Asfora e Moura (2020), o uso de substâncias psicoestimulantes, como a lisdexanfetamina e o metilfenidato, tem se tornado cada vez mais comum no ambiente universitário. Esses fármacos, originalmente prescritos para o tratamento do TDAH, passaram a ser utilizados de forma não médica, principalmente por estudantes que buscam melhorar o desempenho acadêmico. Essa prática está relacionada a uma série de fatores sociais, psicológicos e culturais que se entrelaçam no contexto da vida universitária.

De acordo com Batista et al., (2022), um dos principais fatores associados ao consumo desses estimulantes é a pressão acadêmica. Os universitários frequentemente enfrentam cargas elevadas de estudo, prazos curtos para a entrega de trabalhos e preparação intensa para avaliações. Nesse cenário, muitos recorrem a medicamentos como o metilfenidato e a lisdexanfetamina na expectativa de aumentar a concentração, reduzir a fadiga e prolongar o tempo de estudo.

A título de exemplo no estudo de Souza et al., (2024) os autores buscaram averiguar se os estudantes de medicina apresentam maiores índices de uso não prescrito de Metilfenidato e Lisdexanfetamina, quando correlacionados ao curso de direito. Trata-se de um estudo

observacional analítico do tipo transversal, com os dados coletados por meio de um questionário auto aplicado no espaço acadêmico. Evidenciou-se a prevalência maior de utilização entre os estudantes do curso de medicina, sendo o fármaco mais utilizado, nos dois cursos, o Metilfenidato (Ritalina®). Observou-se uma prevalência maior de uso pelos estudantes do sexo feminino e dos períodos finais dos cursos, com o aumento de foco e atenção, a principal finalidade de uso.

Além da pressão acadêmica, o ambiente competitivo é outro fator determinante. Carneiro, Gomes e Borges (2021) afirmam que em cursos de alta demanda, como medicina, direito e engenharias, a busca por desempenho superior pode estimular a automedicação. A percepção de que colegas utilizam substâncias para potencializar sua produtividade também pode funcionar como fator motivador, criando uma espécie de "pressão social" para aderir ao mesmo comportamento.

A facilidade de acesso a esses medicamentos também contribui para o uso indevido. Santos et al., (2022) expõem que muitos universitários obtêm as substâncias a partir de prescrições médicas concedidas de forma pouco criteriosa ou por meio de colegas e amigos que possuem diagnóstico de TDAH. Essa rede de circulação favorece o consumo irregular, sem o devido acompanhamento médico, ampliando os riscos para a saúde.

Outro fator associado está relacionado às expectativas de desempenho cognitivo. Nesse ponto, Silva e Caldeira (2020) afirmam que a crença de que estimulantes promovem ganhos significativos na memória, no raciocínio e na atenção leva os estudantes a buscarem essas drogas como uma “ferramenta” para melhorar o rendimento. Ainda que os estudos científicos mostrem efeitos limitados em pessoas sem TDAH, o imaginário social sobre o poder desses fármacos reforça sua procura.

No estudo de Meiners et al., (2022) buscou-se analisar as percepções e uso do metilfenidato entre universitários da área da Saúde em Ceilândia, DF, Brasil. Foram investigados em estudo descritivo realizado em duas etapas. A primeira, quantitativa, foi realizada por meio do preenchimento de um questionário semiestruturado on-line. Para a segunda etapa, qualitativa, foi realizado um grupo focal. Dos 337 participantes da primeira etapa, 14,5% relataram usar o metilfenidato. Na pesquisa, o principal motivo de uso foi o doping intelectual (65,3%). Já na etapa qualitativa, além de reforçar os achados anteriores, foram

identificados tópicos temáticos como a pressão externa exercida por familiares, sociedade e a rotina universitária.

Aspectos psicológicos, como ansiedade, perfeccionismo e medo do fracasso acadêmico, também têm sido identificados como determinantes. Em sua pesquisa, Rosa et al., (2021) pontuaram que estudantes que apresentam maior nível de estresse e insegurança em relação à sua capacidade de atender às exigências acadêmicas tendem a recorrer mais ao uso de substâncias como forma de compensação.

O contexto cultural universitário, marcado por práticas de experimentação e pela busca de estratégias rápidas para lidar com dificuldades, também favorece o uso. Wachholz e Santos (2020) salientam que o consumo de substâncias, seja para lazer ou para estudo, muitas vezes é naturalizado no ambiente acadêmico, o que reduz a percepção de risco e aumenta a aceitação social dessas práticas.

A influência da mídia e da indústria farmacêutica não pode ser desconsiderada. A respeito desse contexto, Roussou et al., (2024) acentuam que o marketing indireto que associa medicamentos ao aumento de performance e à superação de limites contribui para criar um cenário em que o uso de psicoestimulantes aparece como solução legítima e eficiente para os desafios da vida acadêmica.

Os fatores econômicos também exercem impacto, uma vez que os custos desses medicamentos podem limitar o acesso a determinados grupos. No entanto, o aumento da oferta de genéricos e a compra compartilhada entre colegas diminuem parcialmente essa barreira, ampliando o alcance do consumo (NASCIMENTO; NASCIMENTO; SERRA, 2025).

Moraes et al., (2024) ao discorrer sobre a presente temática, acreditam que o uso indevido de lisdexanfetamina e metilfenidato entre universitários está associado à falta de informação adequada sobre riscos e efeitos colaterais. Muitos estudantes desconhecem os potenciais efeitos do uso prolongado sem indicação médica, como dependência, alterações cardiovasculares, distúrbios do sono e impactos na saúde mental.

Outro ponto discutido nesse cenário, foi o papel do profissional de Farmácia. O farmacêutico ocupa uma posição estratégica na promoção do uso racional dos medicamentos em estudo. De acordo com Gonzaga e Oliveira (2024) um dos papéis centrais do farmacêutico é esclarecer aos estudantes sobre os reais efeitos desses medicamentos. Muitos universitários acreditam que o uso de estimulantes aumenta drasticamente a memória e o rendimento

cognitivo, mas os estudos mostram que esses efeitos são limitados em pessoas sem TDAH. Cabe ao profissional desconstruir mitos e fornecer informações baseadas em evidências científicas.

A orientação sobre os efeitos adversos também é essencial. O farmacêutico pode alertar os estudantes sobre sintomas como insônia, perda de apetite, ansiedade, taquicardia e até riscos mais graves, como dependência e alterações psiquiátricas. Ao explicar essas consequências de forma clara e acessível, ele ajuda a reduzir a banalização do consumo (GONZAGA; OLIVEIRA, 2024).

No ambiente universitário, o farmacêutico também pode contribuir por meio de campanhas educativas. Maciel et al., (2023) destacam que ações de conscientização em centros acadêmicos, palestras e rodas de conversa podem promover um debate saudável sobre os riscos do uso não médico de estimulantes. Essas iniciativas fortalecem a percepção de que o rendimento acadêmico deve ser buscado por meio de estratégias saudáveis e não pelo consumo indiscriminado de fármacos.

A farmácia comunitária é outro espaço onde o profissional pode desempenhar um papel crucial. Muitos estudantes adquirem medicamentos em farmácias com prescrições frágeis ou até por meios ilegais. O farmacêutico, ao cumprir seu papel ético e legal de avaliar a validade da receita, contribui para coibir a circulação indevida desses medicamentos. Além da fiscalização da dispensação, o farmacêutico tem responsabilidade em orientar sobre a correta posologia, horários de administração e possíveis interações medicamentosas. A falta de adesão às recomendações pode potencializar os riscos e diminuir a eficácia do tratamento, sobretudo em pacientes que realmente necessitam do fármaco (MACIEL et al., 2023).

O suporte emocional também deve ser considerado. Pimentel et al., (2025) afirmam que muitas vezes, o estudante que busca esses medicamentos enfrenta ansiedade, insegurança ou pressão acadêmica. O farmacêutico, como profissional de saúde acessível, pode identificar essas vulnerabilidades e encaminhar o paciente para acompanhamento psicológico ou médico, integrando-se ao cuidado multiprofissional.

A pesquisa e a produção de dados sobre o consumo de lisdexanfetamina e metilfenidato também fazem parte do papel do farmacêutico. Por meio de levantamentos e análises, o profissional pode contribuir para que instituições de ensino e órgãos de saúde compreendam

melhor a dimensão do problema e planejem políticas públicas de enfrentamento (PIMENTEL et al., 2025).

No campo da ética profissional, o farmacêutico deve atuar com responsabilidade ao evitar a banalização dos estimulantes. Isso inclui negar a dispensação quando houver indícios de uso indevido e orientar de forma empática, mas firme, sobre os riscos envolvidos. Essa postura contribui para a construção de uma prática mais segura e consciente (PIMENTEL et al., 2025). Portanto, diante do uso crescente de lisdexanfetamina e metilfenidato por universitários, o papel do farmacêutico torna-se essencial para equilibrar a disponibilidade terapêutica desses fármacos com a necessidade de prevenir abusos, protegendo assim a saúde e o bem-estar dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o uso indiscriminado da lisdexanfetamina e do metilfenidato entre universitários representa um importante problema de saúde pública, uma vez que o consumo desses medicamentos sem indicação clínica tem sido motivado, principalmente, pela busca de melhor desempenho acadêmico, aumento da produtividade e prolongamento do período de estudos.

Embora muitos estudantes relatem benefícios imediatos relacionados à concentração e à redução da fadiga, as evidências científicas demonstram que tais efeitos não justificam os riscos decorrentes do uso inadequado, especialmente em indivíduos sem diagnóstico clínico para o qual esses fármacos são indicados.

Os estudos analisados evidenciaram que o uso não prescrito desses psicoestimulantes pode ocasionar importantes repercussões físicas e psicológicas, incluindo alterações cardiovasculares, distúrbios do sono, ansiedade, irritabilidade, dependência, tolerância medicamentosa e prejuízos à saúde mental. Além disso, observou-se que fatores como pressão por desempenho, competitividade acadêmica, desconhecimento dos riscos e facilidade de acesso aos medicamentos favorecem sua utilização indiscriminada entre estudantes do ensino superior.

Diante desse cenário, torna-se fundamental fortalecer ações de educação em saúde nas instituições de ensino superior, promovendo campanhas informativas sobre os riscos da automedicação e incentivando estratégias saudáveis para organização da rotina acadêmica, manejo do estresse e promoção do bem-estar psicológico. Paralelamente, é necessária maior fiscalização quanto à prescrição, dispensação e comercialização desses medicamentos, reduzindo as possibilidades de uso inadequado e compartilhamento entre estudantes.

Por fim, destaca-se a necessidade de ampliação das pesquisas nacionais sobre o tema,

especialmente por meio de estudos epidemiológicos e longitudinais que permitam compreender a magnitude do consumo indiscriminado e seus impactos em longo prazo sobre a saúde física, mental e o desempenho acadêmico dos universitários. A produção de evidências científicas mais robustas poderá subsidiar políticas públicas, protocolos institucionais e estratégias preventivas capazes de reduzir o uso indevido da lisdexanfetamina e do metilfenidato no ambiente universitário, contribuindo para a promoção de uma formação acadêmica mais saudável e segura.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes; ASFORA, Gabriela Catel Abrahamian; MOURA, Marina Carvalho de. Ansiedade e depressão e uso de substâncias psicoativas em jovens universitários. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2020.

BATISTA, Renan Sorrentino Cabral et al. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina em uma universidade do semiárido brasileiro. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 55, n. 1, 2022.

CARNEIRO, Nathalia Bufaiçal Rassi; GOMES, Daniela Alves dos Santos; BORGES, Leonardo Luiz. Perfil de uso de metilfenidato e correlatos entre estudantes de medicina. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. e5419-e5419, 2021.

CERQUEIRA, Nadinni Silva Vilas Boas; ALMEIDA, Bruna do Carmo; JUNIOR, Raineldes Avelino Cruz. Uso indiscriminado de metilfenidato e lisdexanfetamina por estudantes universitários para aperfeiçoamento cognitivo. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação**, v. 7, n. 10, p. 3085-3095, 2021.

DANTAS, Hallana Laisa de Lima et al. Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, v. 12, n. 37, p. 334-345, 2022.

GONZAGA, Camilly Rayssa Gomes; OLIVEIRA, Clarissa Vasconcelos de. Epidemiologia crítica ao uso de metilfenidato e substâncias correlatas entre acadêmicos sem diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em um Centro Universitário do Oeste do Paraná. **Revista DELOS**, v. 17, n. 62, p. e3148, 2024.

LIMA, Ana Livia Alves et al. Efeitos colaterais do uso indiscriminado de metilfenidato e lisdexanfetamina em jovens universitários. **Revista de Pesquisas Básicas e Clínicas**. v. 1, n. 2, 2023.

LOPES, Janaína do Vale et al. Metilfenidato e Venvanse: o impacto na qualidade de vida dos estudantes de Medicina. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 8, p. 1891-1906, 2024.

MACIEL, Fernanda Duarte et al. Segurança e eficácia do dimesilato de lisdexanfetamina em transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: uma revisão literária. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 2, p. 28-41, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2024.

MEINERS, Maria Moura M. de A. et al. Percepções e uso do metilfenidato entre universitários da área da Saúde em Ceilândia, DF, Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, p. e210619, 2022.

MORAIS, Mariana Melo de et al. Desafios e riscos do uso indiscriminado de psicoestimulantes entre universitários: impactos, métodos e prevenção. **Brazilian Journal of Health and Biological Science**, v. 1, n. 2, p. e46, 2024.

MOURA, Cauã de Souza. Efeitos neurobiológicos do uso abusivo de lisdexanfetamina e metilfenidato. **Ciências da Saúde**, v. 29, n. 141, p. 1-10, 2024.

NASÁRIO, B. R.; MATOS, M. P. P. Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de medicina. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 42, p. 1-13, 2022.

NASCIMENTO, Maria Clara Oliveira; NASCIMENTO, Alessandra Oliveira; SERRA, Mariana Barreto. Análise dos impactos do uso indiscriminado de drogas psicoestimulantes no ambiente universitário. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 25, n. 6, p. e20497; 2025.

OLIVEIRA, Paulo Rocha. et al. Segurança e eficácia dos medicamentos metilfenidato e lisdexanfetamina no tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: Uma revisão. **Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT**, v. 8, n. 1, p. 90-103, 2023.

PEREIRA, Eduardo Boechat et al. Uso indiscriminado de metilfenidato e lisdexanfetamina no meio universitário. **Revista INTERFACES em Ciências da Saúde**, v. 12, n. 2, p. 1-8, 2024.

PIMENTEL, Deldy Moura, MARTINS, Markênia Kélia Santos Alves, QUEIROZ, Ana Isabelle de Gois, BRAGA, Alexandre Pinheiro. Uso indiscriminado do Cloridrato de Metilfenidato. **Revista Interdisciplinar De Cuidados E Inovação Em Saúde (RICIS)**, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2025.

RAINIERI, A. L. et al. Tratamento com metilfenidato e lisdexanfetamina em adultos com TDAH: uma revisão da literatura. **Revista FT**, v. 28, 2024.

RIBEIRO, Vinícius Ramos et al. Análise comparativa do uso de lisdexanfetamina e de metilfenidato no tratamento do TDAH. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 7, p. 947-964; 2024.

RODRIGUES, Larissa Abreu et al. Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 29, n. 4, p. 463-473, 2021.

ROSA, Amanda Freitas et al. O uso de Metilfenidato (Ritalina®) por estudantes de Medicina de um Centro Universitário de Porto Velho. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, p. 46-68, 2021.

ROUSSO, Isabella Rodrigues et al. O uso sem prescrição médica de Metilfenidato e Lisdexanfetamina por estudantes de Medicina. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 24, p. e15977, 2024.

SANTOS, Ana Gabriela Pereira dos; GUIMARÃES, Anna Clara Gonçalves; SANTOS, Maria Eduarda Barros Vilar dos et al. Uso de metilfenidato e lisdexanfetamina por universitários da área da saúde: uma revisão bibliográfica. **Revista Corpus Hippocraticum**, v. 2, n. 1, p. 1-15; 2023.

SANTOS, Thaís Martins et al. Automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil: revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 2, p. 54-111, 2022.

SILVA, Lorena Souza; CALDEIRA, Thaís de Brito. O uso de psicoestimulantes do tipo metilfenidato entre acadêmicos de uma instituição superior de ensino de Minas Gerais. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, v. 9, n. 2, 2020.

SOUZA, Ana Carolina de Toledo; MELAZO, Priscila Nicolau Elias de Oliveira; SOARES, Bruna Capatti Nunes; VELOSO, Ana Carolina Rodrigues; RODRIGUES, Maria Cláudia Cândida; VIEIRA, Débora. Consumo não prescrito de Metilfenidato e Lisdexanfetamina pelos estudantes dos cursos de medicina e direito de um Centro Universitário. **Revista Master - Ensino, Pesquisa e Extensão**, [S. l.], v. 9, n. 17, 2024.

TOLENTINO, Jacqueline Elene de Faria; SILVA NETTO, José Paulo da. O uso off label de metilfenidato entre estudantes de medicina para aprimoramento do desempenho acadêmico. **Comunicação em Ciências da Saúde**, v. 30, n. 01, 2019.

WACHHOLZ, Julia Haiana; SANTOS, Bruna Prudencia da Silva. **Uso de estimulantes entre estudantes: análise de questionário online**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2020.